

QUARENTENADOS

Isabella Maio

(Assistente social, mestranda em saúde pública ENSP/Fiocruz)

Se arruma,
Passa até perfume...
Liga o computador,
Acessa o link para sala virtual,
O microfone não funciona,
Tenta solucionar o problema no computador,
Consegue, mas precisa entrar novamente na sala;
Sai, entra
A câmera congela,
Problemas na rede...
Internet cai,

Liga para operadora para restabelecer o serviço

“Sinto muito senhor, estamos com um problema no sistema. O prazo para o reestabelecimento do serviço é de 24 horas”

A pandemia do novo Coronavírus nos impõe novos e antigos desafios no mundo do trabalho. De um dia para outro somos obrigados a nos adaptar a novas formas de trabalho e encontros *on-line* e as webconferências tornam-se pouco a pouco a nova forma de encontrarmos colegas de trabalho, familiares ou amigos. Um afago ao coração e carinho para alma em muitos momentos, especialmente no atual em que, atingidos por uma pandemia devastadora, somos forçados a lidar simultaneamente com a crise política provocada por um presidente que parece não conseguir deixar de ser o centro das atenções, insistindo em nos deixar cada vez mais chocados com as suas infames declarações.

Ao nos depararmos com este mundo virtual, recebemos um ‘pacote’ de desafios impostos pelas limitações nele presente. Além de todos os recursos necessários como computadores, câmeras, fones e microfones para garantir a qualidade das experiências via web, é necessário o acesso à internet banda larga. Cerca de 80% da população brasileira possui acesso à internet, [segundo os dados do IBGE](#), contudo, [a qualidade dos serviços é precária](#), mais ainda quando está sendo muito requisitada pelos usuários, como está acontecendo nos dias de hoje.

Em pouco tempo notamos que não estamos prontos para esta situação. Nota-se ainda a grande “peneira social” que estes espaços escancaram. Uma massa de “excluídos digitais”, que já existia antes da pandemia, fica aparente. [Mais de 45 milhões de brasileiros se encontram nesta situação](#) e se dividem em dois grupos principais: Aqueles

que possuem os recursos, ainda que precários, mas têm grandes dificuldades para acessar as plataformas pela pouca intimidade com estes espaços; O grupo composto pelos despossuídos de recursos para acessar as plataformas, que não possuem qualquer acesso às atividades realizadas virtualmente, expondo ainda mais a desigualdade digital.

Diante deste contexto, vemos que é exigido dos próprios trabalhadores solucionarem estas limitações. É exigido dos trabalhadores precarizados que arrumem os equipamentos necessários para dar conta das demandas de trabalho, mesmo estes não tendo condições de arcar com mais custos para montar uma estação de trabalho adequada em casa. É válido destacar ainda que, neste contexto de distanciamento social, as lojas físicas se encontram fechadas, dificultando o acesso a produtos e serviços para quem não tem intimidade com o “mundo virtual” ou tornando os trabalhadores que navegam com facilidade ‘reféns’ das lojas virtuais, que diminuem as opções de produtos e serviços, [aumentam os preços dos produtos](#) e cobram fretes cada vez mais caros.

[País se preocupam com as condições dos filhos](#), seja pela perda dos empregos ou reduções de salário neste período e não podendo mais pagar as caras mensalidades das escolas particulares, seja por que estes não conseguem acessar as aulas *on-line* por falta de estrutura em casa, enquanto as classes mais pobres nem sequer conseguem acesso.

Desconsiderando essa realidade, [o atual governo mantém as provas do ENEM](#), acentuando as desigualdades de acesso às universidades públicas.

É exigido dos trabalhadores pagar por internet banda larga e por todas as contas que esta crise sanitária, política e econômica exacerba em um país em que [mais da metade da população não tem acesso à água potável](#) e [quase a metade não tem acesso a tratamento de esgoto](#).

Nesta dinâmica a luta de classes fica mais evidente e o capital mostra suas faces mais perversas, escancarando as iniquidades presentes nesta sociedade.

A necessidade de nos posicionarmos no atual cenário contra este sistema nunca foi tão urgente. Portanto, neste momento temos o desafio de rompermos com tudo e com todos que colocam o lucro acima da vida. Caso contrário, viveremos a dilatação da barbárie, que está diante de nós.